

Entre a ficção e a história: representações da identidade cultural da capital do Maranhão na Literatura de José Chagas

SCHEILA CRISTINA ALVES COSTA LEITE¹

Resumo

O presente trabalho analisa, dentro de uma dinâmica interdisciplinar entre literatura e história, as representações da identidade cultural do bairro do Desterro, considerado o núcleo inicial da cidade de São Luís do Maranhão, do período colonial ao contemporâneo, a partir da problematização e contextualização da obra literária *Os canhões do silêncio*, do escritor paraibano José Chagas. Através das memórias de Chagas, busca-se verificar no referido texto, tanto sob o viés analítico quanto segundo parâmetros sociais e culturais, o processo da construção e da desconstrução da identidade local dos moradores desse bairro, a fim de compreender os significados da composição dos distintos sujeitos que integram esse lugar e que vivenciam um processo de hibridização cultural. Na pesquisa são apontados os pontos negativos do hibridismo cultural que marcam a realidade vivenciada pelos personagens da sociedade local do bairro do Desterro, tendo em vista que, ao longo da obra supracitada, José Chagas consegue problematizar, de forma lírica, o jogo constante de diferenciação desses sujeitos para com o “outro”, exibindo ao grande público um processo de tradução cultural que não se completa, mas que mantém esses atores sociais em sua indecibilidade. Nesse jogo de ambivalência e antagonismo que acompanha cada ato do que Stuart Hall define como tradução cultural, pode-se verificar, em *Os canhões do silêncio*, como José Chagas constroeu, nas entrelinhas de seu texto, a diferença do outro, a insuficiência dos nossos próprios sistemas de significado e significação e, ainda, os binarismos em torno dos quais as relações de poder se organizam nesse bairro que é um espaço dividido entre os diversos interesses dos agentes sociais que atuam nesse local conforme a classificação social imposta a cada grupo. Assim, objetiva-se com o presente trabalho, construir uma historiografia regional, permitindo ao leitor visualizar como Chagas representa a cidade de São Luís através de suas reflexões sobre o Desterro, em suas contradições, seus costumes, a situação social e cultural de seus moradores. E, também, contribuir sobre a temática do hibridismo cultural a partir das relações entre a literatura e a história, discorrendo sobre as interpretações de Stuart Hall sobre hibridismo cultural, identidade e diferença dado o caráter negativo que esse processo ocasionou em antigas matrizes culturais da comunidade local do Desterro, muito embora seja correto dizer que o aspecto negativo desse processo não pode ser tomado em sua totalidade como definidor de seu conceito.

Palavras-chave: Representações Identitárias, Hibridismo Cultural, História e Literatura Maranhense, Os Canhões do Silêncio.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão/UFMA e Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea pela Universidade Estadual do Maranhão/UEMA.

José chagas: história, memória e a arte literária *os canhões do silêncio*

Décimo livro na bibliografia de José Chagas, *Os canhões do silêncio* veio a público como obra premiada do Concurso Literário Bandeira Tribuzi em 1978.

Paraibano o cidadão, é maranhense o escritor José Chagas. Filho de lavradores, nasceu no sítio Aroeiras no município de Piancó, Paraíba, em 1924. Na terra natal viveu sua infância e sua adolescência, desde cedo plantando e cuidando do cultivo do campo. Foi na Paraíba que fez os seus primeiros estudos, aportando no Maranhão em 1948. O seu amor e proximidade com as letras só foram possíveis quando já adulto no ginásio. Como bom nordestino, foi de início muito influenciado pela literatura de cordel e, de sua Paraíba, herdou, dos violeiros e repentistas dessa terra, o fascínio pelo ritmo e pela rima, vindo daí a sua facilidade de versejar. Por isso, era para Chagas mais fácil escrever em versos do que em prosa.

Dominado por uma compulsiva mania de escrever, é de 1955 que se tem datado sua iniciação poética. A sua paixão pela ilha de São Luís, a velha cidade colonial, lhe daria o material com que ele iria erigir quase a totalidade de seu monumento literário.

O seu poema, *Os canhões do silêncio*, foi construído em um momento histórico em que imperava a desvalorização dos casarões e sobrados e da própria cultura local do bairro da Praia Grande e, principalmente, do Desterro, localizados no centro antigo de São Luís.

Sim, no final da década de 1970, ainda não havia por parte da população ludovicense e mesmo de alguns governantes a consciência preservacionista que se consolidou no Brasil a partir da década de 80 e se propagou através dos processos de tombamento – municipal, estadual e federal, e das inscrições de bens na lista da UNESCO como patrimônio.

Já em 1940, obras urbanas no centro antigo de São Luís ensejaram profundas modificações nessa área com a destruição de vários prédios antigos. Nessa época, a arquitetura colonial da capital maranhense era naquele momento vista, por seus moradores abastados e visitantes, como símbolo do passado e obstáculo para o “progresso” da cidade.

Contudo, a destruição de alguns imóveis centenários atrelada a utilização de diversos desses prédios coloniais por pessoas de baixa renda e a destinação de uma zona do bairro do Desterro e da Praia Grande para a fixação do meretrício contribuíram para a descaracterização do antigo centro colonial da cidade. Sobre essa descaracterização LOPES explica

Durante o Estado Novo, uma parte da Praia Grande e do bairro do Desterro foi destinada pelo governo à concentração do meretrício, em uma zona de prostituição legalizada, o que incentivou o afastamento das famílias que ali residiam e a desvalorização dos sobrados, gradualmente transformados de boates e bares em cortiços ou pensões para pessoas de baixa renda chegadas do interior maranhense e de outros estados. (LOPES, 2008, p.32-33)

Assim, buscando historicamente, as ações realizadas em São Luís de preservação e revitalização do Centro Histórico têm-se início, ainda que lentamente, em 1940 e, daí por diante, por iniciativa do Governo Federal, através do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, são tombados (tombamento federal) vários conjuntos urbanos e monumentos históricos. Em 1974, deu-se o Tombamento Federal do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da cidade de São Luís, contemplando os Bairros da Praia Grande, Desterro e Portinho.

Mas, mesmo o rótulo de São Luís - Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido pela UNESCO em 1997, não impediu que as transformações arquitetônicas, culturais e sociais no centro antigo dessa cidade não implicassem em alterações na identidade local de seu povo, bem como no uso e nas funções de bens históricos, dito patrimônios culturais.

Dessa forma, o que José Chagas, como o maior cronista-cantor da capital do Maranhão, retrata, através de suas memórias, na obra em estudo, é a vida dessa cidade que ele tanto amou através de suas reflexões sobre os moradores do bairro do Desterro, revelando ao leitor a trajetória histórica de esplendor e decadência desse lugar. Como se verifica neste trecho:

O bairro tem hoje a culpa/ de haver sido/ e estar entregue à história/ encalhado no tempo/ Seu futuro/ é aguardar em vão/ que cuidem de seu passado/ Aqui as coisas sonham equilíbrio/ entre o visual e o mental/ pois a memória já não sustenta/ o que desmorona aos olhos. (CHAGAS, 2002, p.73)

Os casarões centenários e os próprios moradores constituem um fator de identificação das marcas da cultura local desse bairro. E o livro, *Os canhões do silêncio*, assume um papel de destaque sobre uma literatura voltada para uma historiografia regional ao revelar a história social e cultural do Desterro, no que ele conserva da paisagem colonial – um reduto aconchegante de paz, de trabalho, de religiosidade, de famílias -, mas também no que ele revela sobre as práticas e identidades atuais de um local que se vê transformado conforme as categorias de classificação social imposta a cada grupo de moradores que ali permaneceram, classificações essas que dividem esse bairro em regiões distintas - a região de Baixo (ainda representada por moradores tradicionais)

e a região de Cima (representada pela ZBM²).

Os versos de Chagas descrevem essas regiões, e elas se fazem cognoscíveis aos leitores a medida em que são interpretados os tipos de homens e mulheres que integravam e integram o Desterro de ontem e de hoje. Quais hábitos, costumes e tradições perpassaram de uma geração a outra? O autor retrata que um antes (a grandeza do centro comercial que era o Desterro, das famílias tradicionais que o habitavam, da religiosidade que fazia parte desse lugar) foi sobreposto por um arrasador depois (a prostituição, a violência, o declínio das tradições culturais), como se observa no trecho a seguir:

Ó velho Desterro/ onde choro fundo/ a minha dor de ter/ rompido o teu mundo./ Foste o primeiro sagrado/ chão da ilha e os/ primeiros habitantes de São Luís/ cumprem seu eterno silêncio/ na igreja que te batizou/ [...] E hoje o bairro é só escola/ primária de meretriz./ Mobra de um vício que assola/ a velha rua do giz. (CHAGAS, 2002, p. 224-230)

Entre dominantes e dominados, Chagas cria um texto histórico capaz de dar sentido ao desafio de contar o passado glorificante de um bairro que se constroeu e se desconstrói constantemente como resultado da inconclusibilidade de configurar uma identidade cultural ao cruzar dois mundos diferentes em um mesmo espaço. Assim, os moradores que habitam o Desterro representam, nas suas formas contraditórias, o problema da definição da identidade que melhor os identifica dentro desse ambiente híbrido.

O hibridismo cultural em Stuart Hall e seus traços na arte literária *Os canhões do silêncio*

O homem vive neste início de século o fenômeno da globalização que gera mudanças nos aspectos íntimos da vida pessoal de um povo, justamente pelo fato do homem moderno estar diretamente ligado ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude.

O sujeito moderno não mais apresenta uma identidade permanente, mas sim formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais ele é representado ou interpelado nos sistemas culturais que o rodeiam.

Assim, nessa nova sociedade, a chamada crise de identidade é vista como uma parte do processo mais amplo de mudanças que afetam práticas sociais e modos de comportamento

² A título de esclarecimento, segundo REIS (2002, p.23) a ZBM, Zona do Baixo Meretrício, se localizava bem no coração do Centro Histórico de São Luís, numa área contígua ao bairro do Desterro e que abrange ruas como: da Palma, da Estrela, do Giz, da Saúde, a Afonso Pena, boa parte da Jacinto Maia, entre outra.

preexistentes.

Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, afirma que estamos vivenciando um momento de crise identitária que seria segundo o autor “parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência [...]” (HALL, 2006, p. 08)

Hall parte da ideia do hibridismo como um processo envolto em ambivalências e antagonismos resultantes de negociações culturais surgidas a partir de relações assimétricas de poder entre sujeitos que se encontram em posições de legitimidade distintas.

Na concepção de Stuart Hall, o hibridismo não se refere a um sujeito com uma identidade formada e completa ao dialogar com outras culturas, mas a um processo de tradução cultural no qual os seus sujeitos permanecem em sua indecibilidade em qual matriz cultural mais o representa. Para Stuart Hall, o hibridismo

não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os tradicionais e modernos como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecibilidade [...] (HALL, 2006, p.74)

Dentro desse contexto, a representação que o escritor José Chagas faz da identidade cultural dos moradores do antigo e do atual bairro do Desterro traz elementos que representam os estudos de Stuart Hall sobre hibridismo na medida em que esses sujeitos estão em um espaço social envolto em um processo de tradução cultural, pois, imersos em um lugar dividido em regiões culturalmente díspares, vivem num jogo constante de assimilação e diferenciação para com o *outro*, mantendo neles a dúvida de qual matriz cultural mais o representa.

Assim, pode-se observar, ao longo do poema em análise, que a princípio os moradores do Desterro viviam num ambiente social que outrora permanecia centrado em posições identitárias mais unificadas e estáveis, contudo, o que hoje se impõe nesse lugar é o princípio da divisão entre a unidade e a diversidade identitária de cada grupo social presente nessa localidade que, desde algumas décadas atrás, se apresenta como um espaço dividido entre os diversos interesses dos agentes sociais que atuam nesse local conforme a classificação social imposta a cada grupo.

O próprio título do poema sugere o jogo constante de indecibilidade dos sujeitos que identificam esse bairro que hoje é marcado por contradições de grandeza e miséria, de virtude e vício, de permanência e perecimento que assinalam a própria cronicidade do ser humano. Assim, os Canhões simbolizam o que é natural, desejável, promissor, ou seja, a vontade de lutar que ainda permeia o imaginário coletivo dos moradores do Desterro, mas é o silêncio que simboliza o impuro,

o excluído, o atoísmo, isto é, a decadência que hoje vive esse lugar. Como revela Chagas:

e que pecado ou que erro/ fez o bairro mudar tanto?/ O que foi que o bairro fez/ de tão profunda malícia/ que o convento das Mercês/ virou quartel de polícia?/ E ruas de baronesas/ são hoje de prostitutas,/ plantão de carnes acesas/ pelas noites dissolutas./ A sinhazinha de outrora/ é a mariposa atual/ no sobradão onde escora/ pecado de pedra e cal. (CHAGAS, 2002, p.204).

Os traços históricos do cotidiano desta comunidade revelam os problemas gerados pelas oposições binárias em torno das quais as relações de poder se organizam nessa localidade, ou seja, Chagas questiona a identidade e a diferença dos moradores que integram esse lugar, ordenando-os em torno de posições binárias como: (incluir/excluir) “estes pertencem, aqueles não pertencem”; demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“puros” e “impuros”), construindo um texto que apresenta não uma divisão do Desterro em duas regiões simétricas (a região de “Baixo” e a região de “Cima”), mas sim uma obra que elege, arbitrariamente, uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Para Hall, os binarismos são as formas mais importantes do processo de classificação do mundo social em grupos ou classes, explica Stuart Hall:

[...] as oposições binárias não expressam uma simples divisão de mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. “Nós” e “eles”, por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é, aqui, privilegiado. As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos e torno dos quais elas se organizam. (SILVA; HALL; WOODWARD, 2000, p. 83)

Dessa forma, observa-se que os moradores do Desterro representam a condição de vivenciar travessias, de negociar constantemente sua identidade com a alteridade, são personagens que se movimentam e se refazem, são pessoas que vivenciam a experiência de optar entre duas culturas diversas, dois mundos: a região de Baixo e a região de Cima. A região de Cima representada pela chamada ZBM³, Zona do Baixo Meretrício, luxuoso principalmente no início da década 1950 até meados de 1970, atualmente habitada por moradores ligados ao tráfico, prostituição, violência e atoísmo. A região de Baixo que ainda guarda alguns de seus moradores mais antigos que mantêm a

³ Segundo LOPES (2004, p.29-30), a ZBM funcionou de forma mais intensa entre as décadas de 1950 até o início dos anos oitenta. E, a partir de 1968, com a inauguração da Ponte do São Francisco, que imprimiria diversas alterações na utilização do espaço urbano, as atividades da prostituição, até então concentradas na ZBM, deslocam-se para outras áreas da cidade.

tradição à culinária local, à família e ao culto às festas religiosas à Nossa Senhora do Desterro em um dos seus recantos, a Igreja do Desterro, fundada por holandeses com sua fachada inspirada na arquitetura mourisca. Como se observa no trecho abaixo:

o bairro não tem/ participação,/ pois nasceu por bem,/ por maldade não./ Desterro é berço/ de São Luís/ que em sino e terço/ o céu bendiz [...]/ Os sobrados olham curiosos os homens/ que são sempre outros/ para cada tempo/ e não herdam dos que se vão/ senão a constância do seu esquecer [...] (CHAGAS, 2002, p.206-207)

Logo, o que se pode inferir, é que na verdade, na perspectiva da formação histórica do Desterro, esse bairro, mesmo ainda mantendo a sua vocação residencial em 54% de seus imóveis, é paradigma do encontro de culturas que compõem hoje esse lugar e dialogam muitas vezes em pé de disputa, fato que ocasionou a divisão desse local em regiões distintas, gerando fronteiras espaciais e culturais aos seus moradores.

Metodologia

O presente estudo foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica pautada na relação entre literatura e história que mantêm um vínculo indissociável com a sociedade, com a subjetividade do sujeito e com as relações de conflitos, buscando compreender o jogo de ideologias entre os grupos dominantes e os grupos dominados através da obra literária *Os canhões do silêncio*, de José Chagas. Esse poema, que desde sua primeira publicação em 1978, registra em versos ao longo de mais de duzentas páginas o cotidiano do bairro que dá início a capital maranhense e oferece ao grande público cenas e cenários coloniais de São Luís do Maranhão, bem como conflitos históricos entre os grupos de moradores que identificam esse lugar.

Do material bibliográfico para o desenvolvimento da pesquisa destacam-se textos de Lopes, Reis e Andrès acerca do contexto histórico como elemento formador da obra em estudo, bem como das concepções de Stuart Hall pautados nas ideias sobre identidade, diferença e hibridismo cultural, face a necessidade de uma fundamentação teórica substancial sobre o tema proposto.

Através do estudo desses conceitos, buscou-se os pontos relevantes de seus significados de forma a avaliar a relação entre o aparato teórico e as questões a serem analisadas e esclarecidas acerca do hibridismo cultural na comunidade do Desterro ao longo do texto em estudo.

Dessa forma, essa pesquisa foi aqui esboçada a partir da articulação da discussão conceitual com a apresentação das principais fontes teóricas.

No trabalho de pesquisa, foram selecionados trechos significativos da obra em análise, buscando, a partir da reflexão desses contextos, evidenciar e analisar de forma mais teórico-crítica os conceitos já citados anteriormente dentro do referido texto.

Conclusão

O poema *Os canhões do silêncio* retrata não apenas uma arte tomada como constituição do mundo, mas também a égide das identidades e do hibridismo cultural característico no Desterro, o bairro que é o núcleo inicial de uma cidade que é Patrimônio Histórico Mundial, São Luís do Maranhão.

Nessa obra, José Chagas, imerso em um processo de rememoração, se lança ao grande público como um historiador capaz de se posicionar como um revelador criativo das consequências negativas resultantes do processo de descaracterização do centro antigo da capital maranhense.

É possível verificar que o trabalho de rememoração de José Chagas, ao longo dos versos em estudo, é antes de tudo um modo de trazer à tona a história, as tradições culturais do Desterro, analisando-se por entre esses pontos o surgimento de identidades fragmentadas que deram origem ao processo de hibridismo cultural nesse lugar. Diante desse processo, seus moradores começam a rever seus próprios sistemas de referência, normas e valores devido às transformações ocorridas nesse local e estas transformações não podem ser entendidas de um ponto de vista apenas histórico, mas, sobretudo, através dos conceitos sobre identidades, diferenças e hibridismo cultural.

Referências bibliográficas

ANDRÈS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro. (Coord.). **Centro Histórico de São Luís-MA**. Patrimônio mundial. São Paulo: Audichomo, 1998.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

CHAGAS, José. **Os canhões do silêncio**. São Paulo: Siciliano, 2002.

FERREIRA, Márcia Milena Galdez. **“Tudo é Desterro?”**: construção e desconstrução de regiões no Centro Histórico de São Luís. 2005. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IPHAN. **Cidades históricas: inventário e pesquisa**: São Luís. Distrito Federal: Editora do Senado Federal, 2007.

LOPES, Ana Néri Macedo. **Sexo, prazer e dor-contradições da mesma face do ser mulher: um estudo sobre modos de prostituição feminina em São Luís nos anos de 1950 a 1970**. São Luís: UFMA, 2004. (Monografia de Graduação)

LOPES, José Antonio Viana. **Capital Moderna e Cidade Colonial: o pensamento preservacionista na história do urbanismo ludovicense**. 2004. 192 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

_____. (Org). **São Luís Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem**. Ed. Bilingüe. Sevilha: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección de Arquitectura y Vivienda, 2008.

MARTINS, Wemerson. **JOSÉ CHAGAS**. Disponível em: <http://josechagaspoeta.blogspot.com.br/>. Acesso em: 3 de junho de 2016.

REIS, José de Ribamar Sousa dos. **ZBM: o reino encantado da boêmia**. São Luís: Lithograf, 2002.

SÃO LUÍS. Prefeitura Municipal. **Desterro: um bairro além dos mapas**. Prefeitura Municipal. São Luís: QG Qualidade Gráfica e Editora, 2005.

SILVA, João Ricardo Costa. **A Construção do Patrimônio: a trajetória de preservação do Centro Histórico de São Luís**. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VIEIRA, Liszt (Org.). **Identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

